

# CONSIDERAÇÕES SOBRE DESAMPARO, ANGÚSTIA E TRAUMA: A TRAGÉDIA EM BRUMADINHO

in: BRUMADINHO: da ciência à realidade. Liguori, C; Levy, D. (org.) Editora: LiberArs, 2020, p. 139-158

ELIZABETH SAMUEL LEVY  
PAULO ROBERTO CECCARELLI

**RESUMO:** O presente artigo visa tecer considerações sobre o sofrimento psíquico dos sobreviventes e familiares das vítimas da tragédia de Brumadinho. Este debate será articulado a um estudo psicanalítico sobre desamparo, angústia e trauma, vividos pelos que passaram direta ou indiretamente pelo impacto da maior tragédia ambiental do Brasil (2019). A emergência, o imediato do desastre, ameaça psicologicamente o sujeito, provocando angústia, como um sinal. A angústia segundo Freud (1926) é a reação original ao desamparo no trauma. A Psicanálise pode oferecer a escuta ao *pathos*, no que diz respeito ao sofrimento psíquico, do processo de significação da angústia e do sentimento de desamparo sob situações traumáticas, considerando a singularidade dos sujeitos implicados, na diversidade dos acontecimentos.

**Palavras chaves:** Desamparo. Trauma. Angústia. Sofrimento Psíquico.

*O trauma corta a vida em duas partes: antes e depois. Só que aquele que respira depois não é o mesmo de antes. Um morreu; outro ficou em seu lugar (...). Aquele que “voltou a nascer” é um lesado, um sonâmbulo que carrega os restos mortais da-quele que não voltará mais.*

Braustein, 2003.

## 1. INTRODUÇÃO

Na atualidade a grande incidência de emergências e desastres, tanto na esfera ambiental quanto social, despertou em nós o desejo de desenvolvermos um estudo mais aprofundado sobre as repercussões psíquicas nos indivíduos originadas da vivência de tais situações traumáticas.

Os eventos naturais em decorrência ou não da intervenção do homem no ambiente têm gerado destruição, ocasionando irreversíveis alterações climáticas, que incidem no surgimento de furacões, tsunamis, deslizamentos de terra, terremotos, alagamentos, secas e queimadas.

No cotidiano urbano, as situações limites vivenciadas também geram medo, angústia e desamparo em populações inteiras que perdem suas casas, seus bens, seus entes queridos e, com isso, seu bem-estar psíquico, quando não suas identidades.

Pretendemos, neste trabalho, pleitear uma análise a partir de pressupostos psicanalíticos na leitura destes acontecimentos. A escuta do sujeito proposta pela psicanálise lhe oferece condições para se expressar, acessar sua realidade interna e, por sua vez, a atribuir lugar ao afeto.

Freud (1930) em *O Mal-Estar na Civilização* se debruça de forma contundente sobre a angústia que assola o homem no momento em que este se depara com a sua incontestável fragilidade diante da natureza, da cultura, do seu próprio corpo e do outro.

Ainda no século XX, Freud parecia profetizar os acontecimentos futuros, que são tão presentes hoje, principalmente pela proximidade globalizada das informações, que penetram em nossos lares, às vezes com um simples clique. A modernidade tem seu preço e todos pagam por ele. Não é nada fácil suportar perdas e separações das quais não temos como escapar ao longo de nossas vidas, muitas vezes provocadas pela ação do próprio homem e de pessoas que amamos. Dar conta de tudo isso se torna ainda mais penoso, à medida que, somos bombardeados pelo sofrimento advindo tanto do mundo externo, quanto do interno<sup>1</sup>.

Os efeitos de acontecimentos desastrosos e traumáticos anunciados pela mídia aumentam ainda mais nosso sofrimento cotidiano. Não acontecem mais num lugar longínquo, mas aqui e ali, dentro de cada um, confrontando o sujeito a sua incompletude e, fundamentalmente, ao seu desamparo. Enfim, como aplacar as emergências na urgência de cada um, frente à cena indizível das catástrofes e desastres, e à impossibilidade de elaboração de tais situações?

Amparados pela teoria psicanalítica, em particular pelos escritos de Freud e de outros autores da psicanálise contemporânea, procuraremos fazer uma articulação teórica sobre o sofrimento psíquico, o *pathos*, dos que sofreram com esta catástrofe, considerando suas possibilidades de (re) significação e elaboração de suas perdas. Angústia, desamparo e trauma são

---

<sup>1</sup>É importante ressaltar que para o aparelho psíquico interior e exterior são "lugares" indistinguíveis.

conceitos fundamentais para nossa elaboração teórica. Neste cenário, faremos também algumas considerações sobre o luto e a transitoriedade.

Nosso trabalho ganha dimensões importantes na medida em que o referencial da psicanálise oferece, junto à comunidade atingida, contribuições que lançam um olhar diferenciado sobre o sujeito e seu sofrimento psíquico.

## 2. DESAMPARO, ANGÚSTIA E TRAUMA

Para utilizarmos as contribuições da psicanálise no que diz respeito às perdas, sejam elas individuais ou nos acontecimentos que afetam todo o tecido social e, por extensão, o luto daí advindo, convocaremos inicialmente dois pontos essenciais para nossa discussão: o desamparo e a construção da identidade.

O desamparo<sup>2</sup> traduz a situação antropológica fundamental do humano que, ao nascer, encontra-se em um estado de total dependência de um outro que lhe forneça ações específicas para garantir a sua sobrevivência. Sem uma "assistência alheia" (*fremde Hilfe*) vinda de fora (FREUD, 1950 [1895], p. 422), o recém-nascido não é capaz de promover as alterações necessárias à diminuição da tensão interna. A falta de recursos motores e psíquicos aumenta a intensidade dos perigos e, igualmente, o valor do objeto que promove a diminuição da tensão, pois "só ele [o objeto], pode proteger desses perigos e substituir a vida intrauterina perdida" (FREUD, 1926, p.142). O recém-nascido precisa de um outro para interpretar as demandas e dar representações psíquica às pulsões, além de oferecer-lhe objetos de satisfação. Para que a "sobrevivência psíquica"<sup>3</sup> ocorra, o outro deve oferecer suporte ao bebê, candidato potencial a sujeito, na travessia de duas "violências" incontornáveis, fundamentais e fundantes: a "violência primária"<sup>4</sup>, que diz respeito à introdução do recém-nascido na linguagem atribuindo-lhe um lugar no Outro, e a "violência simbólica"<sup>5</sup>, aquela relativa à aquisição dos códigos e valores da sociedade na qual ele se encontra inserido. O estado de desamparo<sup>6</sup> (material no caso de perigo real; psíquico, em caso de perigo

<sup>2</sup> Desamparo é a tradução da palavra alemã *Hilflosigkeit*. Ela é composta de três partes: *Hilfe*, que significa socorro; *los*, que pode ser definido por sem; *keit* que forma o substantivo. *Hilflosigkeit*, em inglês *Helplessness*, seria melhor traduzido pelo neologismo "insocorribilidade": somos, por definição, "insocorribéis". (Conf.: CECCARELLI, 2005, 49).

<sup>3</sup> McDOUGALL, J. As múltiplas faces de Eros, Rio de Janeiro, Martins Fontes, 1997.

<sup>4</sup> AULAGNIER, P., (1975) A violência da interpretação, Imago, Rio de Janeiro, 1979.

<sup>5</sup> BOURDIEU, P., La domination masculine, Paris, Seuil, 2002.

<sup>6</sup> Joel Birman, em um artigo sobre o desamparo na obra freudiana, chama a atenção para a diferença entre o *desamparo*, como palavra presente desde o início dos escritos de Freud, e o *desamparo* como conceito, que aparecerá bem mais tarde. (BIRMAN, J. 1999).

pulsional), cria “a necessidade de ser amado, que não mais abandonará o ser humano” (FREUD, 1926, p.143).

O ser da primeira infância realmente não está equipado para dominar psiquicamente grandes somas de excitação que chegam de fora ou de dentro. Num certo período da vida, o interesse mais importante consiste realmente em que as pessoas das quais se depende não retirem seu cuidado terno (FREUD, 1926, p. 130)

A dependência de um outro, significa que:

Eros age de forma a produzir investimentos libidinais que confortam, imaginariamente, o Eu em constituição. (...) A dinâmica pulsional gerada por esta nova situação demanda um novo tipo de “alimento”: afeto, amor, reconhecimento, palavra, linguagem... gerando ou outra forma de dependência: a dependência psíquica. (CECCARELLI, 2009, p.34).

É importante enfatizar que o valor quantitativo do desamparo, sua força, guarda relações diretas com a maneira como o estado de total dependência (de um outro) no início da vida foi elaborado. Dito de outra forma: a intensidade que cada sujeito vivencia uma (nova) situação de perda, assim como a capacidade de ressignificá-la, de recuperar-se dela, dependerá de como ele lidou, que recursos teve, para enfrentar a situação antropológica fundamental de desamparo inerente ao ser humano. Por isso, não existe uma maneira única, “normal”, muito menos uma receita, capaz de aplacar o sofrimento oriundo das três fontes de onde ele provém:

a partir do nosso próprio corpo, que, destinado à ruína e à destruição, não pode prescindir nem mesmo da dor e do medo como sinais de alarme; *a partir do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças prepotentes, implacáveis e destrutivas*, e, por fim, das relações com os outros seres humanos. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez seja sentido de modo mais doloroso que qualquer outro (FREUD, 1930, p.65. *O grifo é nosso*).

Investir nossa libido em objetos concretos e imaginários - pessoas, família, projetos de vida, trabalho, conhecimentos (uma visão de mundo, filosofia, religião, política...) e tantas outras coisas - nos dá a ilusão de estarmos protegidos, de havermos encontrado nosso lugar no mundo, no que aqui fazemos, de sermos amados; enfim, que algo, ou alguém, nos ampara.

Contudo, tais investimentos nos deixam inexoravelmente desprotegidos contra o sofrimento, devido ao risco de perdê-los. A intensidade da dor

da perda é diretamente proporcional ao quantum de energia investido. Por isso, “jamais nos tornamos tão desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou o seu amor” (FREUD, 1930, p.75).

Ao mesmo tempo, por mais paradoxal que possa parecer, o desamparo é a afirmação da vida, pois é ele que nos impulsiona a (re)investirmos novos objetos quando conseguimos elaborar as perdas. Por outro lado, a perda pode ser de tal monta que incapacite o sujeito de reerguer-se, isto é, a elaborar o luto referente a ela. Neste caso, o risco de um processo depressivo, ou até mesmo melancólico, é grande.

No que diz respeito à identidade, ela se configura como uma vivência íntima e intraduzível, que nos dá o sentimento, enganoso, mas indispensável, de um conhecimento de nós mesmos que garantiria que “eu sou eu mesmo e não uma outra pessoa”. Ainda que identidade não seja um conceito psicanalítico, ela é frequentemente usada em psicanálise: fala-se de conflito de identidade, sentimento de identidade, perda de identidade...

A construção do sentimento de identidade só pode ser pensada de maneira dinâmica, pois dependente dos processos identificatórios<sup>7</sup>. Tal construção começa antes mesmo da concepção do bebê, no lugar que a criança por vir ocupar no desejo de quem lhe dá vida psíquica. Fazem parte da construção identitária as expectativas, sonhos e desejos de quem acolhe a criança quando de sua chegada ao mundo. Quanto às identificações, elas são as representações pulsionais oferecidas ao bebê, inicialmente pelos “pais”<sup>8</sup> e, em seguida pela família e pelo grupo social no qual ele se encontra inserido, evitando, assim, que o afeto se transforme em ansiedade: as identificações são interiorizações de objetos perdidos, e representam substituições da relação de amor. É através do grupo social que a criança tem sua primeira inserção no mundo. Em muitos casos, os caminhos e possibilidades profissionais são sugeridos nesta primeira etapa da vida. Por isso, o trabalho, o local de trabalho, as relações afetivas criadas em relação ao trabalho, são elementos fundamentais para que o sujeito se reconheça. A perda das referências identificatórias pode ter um efeito catastrófico para a constituição psíquica do sujeito. Voltaremos a este ponto mais adiante.

<sup>7</sup> Foge ao escopo deste texto aprofundarmos nas relações entre identidades e processos identificatórios. Para uma discussão mais completa sobre o tema ver: *Transsexualidades* (CECCARELLI, 2017) Cap. 3.

<sup>8</sup> Os novos arranjos familiares nos informam que o significante “pais” deve ser entendido como sinônimo de expressões tais como: aqueles(as) que acolhem a criança no mundo; aquele(a)(s) que recebe(m) a criança no mundo; aqueles(as) que cuidam do recém-nascido; ou ainda, aqueles(as) que dão vida psíquica ao bebê. Tais formulações descrevem melhor as organizações familiares da atualidade, que definem os laços afetivos que sustentam a circulação pulsional do recém-nascido (CECCARELLI, 2007).

Quando por algum motivo interno ou externo ao sujeito as identificações não se sustentem, pode acontecer que ele não se reconheça no mundo, não encontre mais o seu lugar, tanto psíquico quanto na realidade concreta, que lhe servia de referência identitária. Quando isso ocorre, a dimensão do desamparo é reatualizada e a angústia pode comparecer.

Ao longo da obra freudiana, podemos destacar duas maneiras, ou seja, duas teorias para se falar da Angústia. No primeiro momento, conhecido como a primeira teoria da angústia, ela é entendida como resultado de uma energia, essencialmente sexual, que não tenha sido descarregada, permanecia estagnada, represada, causando o adoecer psíquico; algo puramente somático (FREUD, (1895[1894])).

À medida que as observações teórico-clínicas de Freud avançavam, a compreensão da angústia como energia represada não era mais suficiente para responder as suas questões. No famoso caso Hans (FREUD, 1918[1914]), Freud constata que o medo de Hans era exagerado em relação a possibilidade concreta do cavalo mordê-lo. Conclui, então, que ocorrera um deslocamento do medo do pai, para o medo do cavalo: a angústia neurótica de Hans, tinha como base um conflito psíquico.

Não passa despercebido a Freud que se, por um lado, as crianças de tenra idade se expõem a várias situações perigosas, por outro lado, estas mesmas crianças são medrosas em certas circunstâncias que, em si, não são perigosas: ficarem no escuro, não terem a mãe por perto, figuras aterrorizantes das histórias infantis. Não por acaso, as crianças pedem aos adultos que contem e recontem determinadas histórias, que já sabem de cor, inúmeras vezes.

A ligação evidente entre desamparo e angústia torna evidente nas situações nas quais as crianças têm medo (angústia) por sentirem-se desprotegidas, desamparadas. A clássica passagem citada em uma nota de rodapé dos *Três Ensaio*s (FREUD, 1905, p. 231) antecipa, de forma exemplar, a relação angústia desamparo. Uma criança de três anos, sozinha em seu quarto escuro, grita para a sua tia: “- Titia, fale comigo. Estou com medo de escuro! - De que adiantaria? Você não pode me ver. - Não importa, se alguém falar, a luz vem!”

O medo da criança não era do escuro, mas, sim, da ausência de alguém que a amasse, logo, que a protegesse e a amparasse.

A segunda teoria da angústia tem seu expoente máximo no texto *Inibições, sintomas e angústia*<sup>9</sup> (FREUD, 1926). A angústia passa, então, a ser

<sup>9</sup>A palavra alemã *Angst* pode ser traduzida em português por: *ansiedade*, *angústia* ou *medo*. Segundo Renato Zwick *medo* é a palavra que melhor expressa o sentido dado por Freud no texto *Hemmung, Symptom und Angst*: Inibições, sintomas e medo. (FREUD, 1926, p. 20 e segs.).

entendida como um sinal de defesa para o Eu se proteger contra um perigo que é sempre interno<sup>10</sup>. O texto freudiano de 1926 representa uma virada radical na teoria da angústia: a angústia não deriva do recalque (de uma energia que não encontrou descarga), mas, ao contrário, é a angústia que promove o recalque; é o seu motor frente a um perigo (castração) iminente.

O medo nunca provém da libido recalçada. Se no passado eu tivesse me contentado em dizer que após o recalque surge certo grau de medo no lugar da esperada manifestação da libido, hoje eu nada teria do que me retratar. (FREUD, 1926, p.75-76).

Freud (1926) afirma que a angústia é a reação original ao desamparo no trauma, e é reproduzida depois da situação de perigo como um sinal em busca de ajuda. O Eu que experimentou o trauma passivamente, agora o repete ativamente em versão enfraquecida, na esperança de ser ele próprio capaz de dirigir seu curso.

É certo que as crianças se comportam dessa maneira em relação a toda impressão aflitiva que recebem reproduzindo-a em suas brincadeiras. Ao passarem assim, da passividade para a atividade tentam dominar suas experiências psiquicamente. Isto chama-se 'ab-reação de um trauma'. Mas o que é de importância decisiva é o primeiro deslocamento da reação de angústia, de sua origem na situação de desamparo para uma expectativa dessa situação, para a situação de perigo (FREUD, 1926, p. 192).

A situação traumática e a situação de perigo se distinguem na medida em que o Eu aprende a tomar a angústia como um sinal. A angústia que, originalmente, foi automaticamente deslanchada na situação de desamparo, será depois reproduzida como sinal de perigo, graças ao que o Eu passa, tal como a criança em suas brincadeiras, da passividade para atividade, buscando dominar psiquicamente suas experiências. Depois disso, vêm então os deslocamentos ulteriores do perigo para o determinante do perigo - perda do objeto e das modificações dessa perda (FREUD, 1926, p. 192 apud LEVY, 2008, p.44-45)

Em relação à situação traumática, na qual o sujeito possa estar sentindo-se desamparado, prossegue Freud (1926, p. 193), convergem perigos externos e internos, perigos reais e exigências pulsionais. Quer o Eu esteja sofrendo de uma dor que não para ou experimentando um acúmulo de necessidades pulsionais que não podem obter satisfação, a situação econômica é a mesma e o desamparo motor do Eu encontra expressão no desamparo psíquico.

<sup>10</sup> Ressaltamos, mais uma vez, que para o aparelho psíquico externo ou interno são equivalentes.

O trauma se caracteriza pela impossibilidade do indivíduo em responder adequadamente a um fluxo de energia que ultrapassa sua capacidade de elaboração psíquica. Um excesso de excitação que paralisa o sujeito deixando-o sem reação, pois atualiza situações pregressas de desamparo. Como consequência, ocorrem transtornos que podem ter efeitos patogênicos na organização psíquica do sujeito (LAPLANCHE; PONTALIS, 1983). Segundo Freud,

Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis. Ao mesmo tempo, o princípio de prazer é momentaneamente posto fora de ação. Não há mais possibilidade de impedir que o aparelho mental seja inundado com grandes quantidades de estímulos (FREUD, 1920, p. 45).

A invasão de energia provocada pelo trauma obriga o psiquismo a encontrar outras formas para dar vazão ao excesso produzido pelo acontecimento traumático. Este excesso só pode ser descarregado através do representante psíquico da pulsão. Caso a ligação pulsão-representante não ocorra, a integridade do sujeito se vê ameaçada. O trauma se constitui, então, como "encontro com o real, mas esse encontro é coberto por outro encontro onde nos falta a representação, o que causaria esse excesso de excitação do traumatismo (...) o efeito disso é o olhar vazio, um sujeito vazio" (HARTMANN, 2019, p. 405).

Uma das maneiras de se enfrentar o desamparo e a angústia é construir o próprio sentido da vida, através de investimentos afetivos, que envolvam um projeto de vida. Ora, quando os investimentos se perdem, como foi o caso do rompimento da barragem em Brumadinho, a situação de desamparo é revivida, com as inúmeras consequências que conhecemos: sensações de abandono, de solidão e, sobretudo de desamparo, ganha o primeiro plano, gerando medos, angústias e incertezas. Tudo isso com a intensidade que no início da vida o desamparo foi sentido e pela forma com que foi elaborado.

### **3. TRANSITORIEDADE, LUTO E DESAMPARO**

No verão de 1915 Freud escreveu um de seus mais belos textos: *Transitoriedade*, publicado em 1916. Em uma caminhada, no verão de 1913, por campos floridos na companhia de um poeta famoso, e um amigo taciturno<sup>11</sup>, o poeta recusa-se em aceitar que, com a chegada do inverno, toda

<sup>11</sup>O poeta famoso era Rainer Maria Rilke, e o amigo taciturno era Lou-Andreas-Salomé, a então companheira de Rilke. O referido passeio ocorreu em agosto de 1913. (FREUD, 1916, nota 1, p. 225)



aquela beleza desapareceria. Até mesmo, as grandes obras humanas estavam fadadas àquele destino: "tudo o que o ele [o poeta] amara e admirara parecia-lhe desvalorizado pelo destino determinante da transitoriedade" (FREUD, 1916, p. 221). Não é devido à transitoriedade que a beleza da natureza, assim como a dos bens culturais, perderia o seu valor. Para Freud, é justamente a limitação da fruição destes bens que acarreta o seu valor. (FREUD, 1916). Aceitar a transitoriedade das coisas, inclusive a da vida, é um trabalho de luto, através do qual somos capazes e reinvestir novos objetos e, quem sabe, sobre bases mais sólidas e duráveis. A "exigência de eternidade" do poeta era uma revolta contra o transitório produzida por nossa vida desejante; uma "revolta psíquica contra o luto" (FREUD, 1916, p. 223), o que lhe impediu a fruição do belo.

Segundo Freud (1914), no texto *Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte* a nossa maneira de agir diante da morte é a tendência a negá-la. Quando refletimos sobre nossa própria morte, esta permanece inimaginável. Em relação a morte dos outros, tendemos a falar de tal possibilidade sem que o destinado possa ouvir. Pois admite aos seus próprios olhos como insensível ou mau, por pensar na morte de outra pessoa. Entretanto, essa nossa forma de perceber a morte, não a evita e quando acontece temos a tendência de sentirmo-nos profundamente comovidos e abalados.

Diante do próprio morto adotamos um comportamento peculiar, quase como de admiração por alguém que levou a cabo algo de muito difícil. Essa consideração para com o morto significa para Freud (1914, p. 399):

Enterramos com ele as nossas esperanças, as nossas aspirações e os nossos gozos, não queremos consolar-nos e recusamo-nos a toda a substituição do ente perdido. Esta nossa atitude frente à morte exerce, porém, uma poderosa influência na nossa vida. A vida empobrece-se, perde interesse, quando a aposta máxima no jogo da vida, ou seja, a própria vida, se não tem de arriscar.

Freud relata a atitude do homem pré-histórico frente à morte, percebendo esta como contraditória, pois era vista como algo natural, mas também reduzida a nada. Esta contradição tornou-se possível pela circunstância de o homem primitivo ter adaptado frente à morte dos outros, do estranho e do inimigo, uma atitude radicalmente distinta da que adotou diante da sua própria. Pois quando viu morrer um dos seus familiares e amigos que ele amava, teve na dor da perda, a compreensão de que também poderia morrer. Cada um dos seres amados era uma prolongação do seu próprio Eu amado. Por outro lado, a morte se assemelha a gratidão, pois em cada uma das pessoas amadas havia também um elemento estranho. Esta

ambivalência dos sentimentos, que ainda hoje domina as nossas relações sentimentais com as pessoas por nós amadas, tinha decerto um domínio ainda mais irrestrito nos tempos primitivos (OLIVEIRA; LEVY, 2016).

Como no homem primitivo, também no nosso inconsciente se apresenta um caso em que as duas atitudes opostas, em face da morte, chocam e entram em conflito: uma, que a reconhece como aniquilação da vida, e outra que a nega como irreal. E este caso é o mesmo que na época primitiva: a morte ou o perigo da morte de um ente querido, do pai ou da mãe, de um irmão, de um filho ou de um amigo.

A Grande Guerra radicalizou a transitoriedade dos objetos, do acervo cultural e dos bens materiais e ideais da cultura. Nesta nova organização mundial, Freud se questiona sobre os limites e possibilidades do trabalho de luto, posto que a guerra destrói não apenas as belezas da natureza e as obras de arte, mas, igualmente e de forma jamais vista, as mais nobres aquisições da cultura, "deixando nua nossa vida pulsional (*Triebleben*). (...) [ela] desacorrentou nossos maus espíritos, que acreditávamos permanentemente domados por décadas de educação por parte de nobres predecessores" (FREUD, 1915, p. 223-224).

No texto *Luto e Melancolia*, Freud (1917) tem como objetivo comparar o processo de luto normal e a natureza melancólica. Para ele, a similaridade por ambas se assemelha pelo quadro total de suas manifestações. O luto é uma reação normal, em decorrência da perda de um objeto que ocupava um lugar de investimento. Embora a melancolia tenha um caráter associado à perda do objeto de amor, o sujeito apresenta uma "perda de interesse pelo mundo externo, desânimo profundo, baixa autoestima e disseminação e punição consigo mesmo" (FREUD, 1917, p. 249).

No caso do luto, apesar do enlutado apresentar falta de interesse no mundo externo, desânimo e falta de investimento em outras atividades, não é considerado patológico. Segundo Freud (1917), tal quadro consiste em uma disposição dolorosa relacionada à economia da dor, ou seja, ao deparar com a ausência do objeto de amor, exige-se que a libido investida nele, cesse em algum momento.

O processo de elaboração do luto é realizado de forma gradativa e com excessivo gasto de tempo e energia, porém o sujeito vai deixando de investir no objeto perdido, se desvinculando das memórias que *a priori* são intensamente investidas. Depois de repetidamente recordar as memórias relacionadas ao objeto de amor, o trabalho do luto vai se encerrando aos poucos. Freud analisa que o sujeito torna-se novamente livre e desinibido para investir em outras atividades, retomando o interesse pelo mundo externo.

Quanto à melancolia, o autor afirma que pode ser uma reação a uma perda de natureza ideal, no qual o objeto de amor não necessariamente morre fisicamente. Pois está ligada a uma perda do objeto retirado da consciência, ou seja, “a nível consciente o sujeito sabe quem ele perdeu, mas não o que perdeu nesse alguém” (FREUD, 1917, p. 251). Sendo assim, no melancólico o trabalho permanece enigmático por não saber o que é absorvido.

Para Freud, a diminuição da autoestima e o empobrecimento do Eu são particulares do quadro melancólico, sendo que:

Na melancolia o próprio Eu é desprovido de valor, moral desprezível e espera ser punido em primeiro lugar pelo efeito do trabalho desconhecido, que ocorre internamente que lhe consome o Eu e segundo assim ele se encontra desinteressado em um quadro de inferioridade e incapaz de amor (FREUD, 1917 p. 252).

Segundo Freud, essa insatisfação de cunho moral, principalmente “as queixas mais violentas não se aplicam ao próprio paciente, mas a outra pessoa, aquele que o sujeito ama” (1917, p. 254). Pois há no sujeito uma forte fixação no objeto amado, em contrapartida, o investimento no objeto deve ter tido um pouco poder de investimento.

Sobre as situações de desamparo que o ser humano perpassa até o fim de sua vida, Freud (1895) é categórico ao afirmar que o humano depende do outro para manter-se vivo e garantir suas necessidades, originando desse processo a necessidade fundamental de ser amado. Ou seja, o desamparo coloca o sujeito frente a dois caminhos: o primeiro seria de aprisionamento, no sentido de não ter estratégias internas para lidar com o que o mundo externo irá lhe exigir e então fica paralisado, o segundo caminho é de crescimento diante de situações de sofrimento, tudo dependerá de um fator essencial, a constituição psíquica do sujeito que lhe proporcionará subsídios para lidar com as circunstâncias ocorridas no decorrer da vida. (LANOA; SALES; LEVY, 2011).

O desamparo, no novo contexto após os anos de 1920, toma novos contornos como afirma Birman (1999). O conceito de desamparo se constituiu de fato, no contexto da formulação final da metapsicologia freudiana, diretamente tributário da construção do conceito de pulsão de morte e daquilo que o funda, isto é, a suspensão da recusa imposta no início do discurso freudiano ao princípio da inércia e sua nova enunciação sob a forma do princípio do nirvana. Assim, o vivente almejaria um estado de quietude, pelo retorno à condição de inanimado, o querer se livrar de sua condição animada por não ter instrumentos próprios para dominar as excitações e construir com elas destinos outros que não sejam a morte, condizentes então com a manutenção da ordem da vida.

O que Freud nos mostra, segue Birman (1999), é que marcado pela prematuridade biológica desde sua origem, o ser humano seria fadado à morte se não fosse a presença do outro. Seria o outro que realizaria o trabalho de ligação da força pulsional que o organismo humano seria, pois, incapaz de realizar. Nestes termos, a ordem vital se identificaria com a ordem sexual já que é através do erógeno oferecido pelo outro, que o organismo humano se constitui. Seria pela transmissão ofertada por um outro e não pela natureza em si. Assim, o sujeito se constitui pelo trabalho do outro, pela mediação de uma dependência da qual jamais se libertará mesmo que, posteriormente, o sujeito tenha instrumentos para manejar melhor às excitações, relativizando sua dependência, o fato da força pulsional ser constante e contínua, recoloca o sujeito na condição de desamparado. Birman (1999, p.59) comenta:

Ao longo de sua obra, Freud recoloca o desamparo, de maneira que o desamparo vocacional da condição humana se constituiria pelo intervalo entre a força pulsional, os representantes das pulsões e os objetos capazes de apaziguar as excitações. Então o outro que realizaria o trabalho pelo qual a força pulsional seria transformada num circuito pulsional, isto é, constituída de objetos de satisfação e inscrita no mundo das representações.

O tema do desamparo encontra continuidade trinta anos depois do *Projeto* (1895) em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926), quando Freud se interroga em relação aos fatores que desencadeiam as neuroses, atribuindo como uma das causas, o longo período de tempo em que o ser humano está em situação de desamparo, dependente do outro para manter-se vivo e garantindo suas necessidades, daí originando-se à necessidade vital de ser amado que o acompanhará o resto da vida. (LEVY, 2008).

#### **4. SOBRE O SOFRIMENTO PSÍQUICO NAS EMERGÊNCIAS E TRAGÉDIAS: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E DA PSICANÁLISE.**

Em nossos dias as catástrofes naturais têm sido cada vez mais frequentes, ocorrendo de forma simultânea em diversas localidades do planeta, a cada ano estes flagelos imputados sobre a humanidade têm tomado grandes proporções, comprometendo inevitavelmente a sobrevivência do ser humano. Em decorrência das forças superiores da natureza e ou outros fatores ambientais, bairros e comunidades são arrasados, cidades inteiras entram em colapso, gerações são suprimidas, epidemias se espalham pelo mundo matando milhares de pessoas. Muitos dizem que a humanidade está

vivendo em meio a um cenário apocalíptico, o que vem ocasionando angústia e medo, bem como acirradas discussões, já que de um lado está o ceticismo, a ciência e suas promessas de proteção e amparo, de outro encontramos a dura realidade com a qual inevitavelmente nos deparamos todos os dias.

Este debate até hoje é cercado de impasses, alguns com receio de que nosso destino seja a extinção, se mobilizam com o intuito de correr contra o tempo para atenuar os estragos feitos no planeta Terra, enquanto outros se empenham para criar alternativas que possam garantir a sobrevivência da humanidade através de métodos criativos e extremamente tecnológicos. No entanto, este trabalho não tem como objetivo discutir o destino do planeta, tampouco propor qualquer espécie de posicionamento acerca das discussões em torno da degradação do ecossistema, nossa finalidade será pinçar alguns dos desastres mais impactantes dos últimos anos, como o de Brumadinho e a partir da Psicanálise como teoria norteadora deste estudo, poder pensar sobre o sujeito que vivenciou tais situações catastróficas e ou que perdeu seus ente queridos na tentativa de analisar o seu sofrimento psíquico.

Escutar o sujeito nos remete ao que a *Psicopatologia fundamental* nomeia de sofrimento psíquico. A *Psicopatologia Fundamental* resgata o sentido grego da palavra *Psico-pato-logia*: um saber, (*logos*) sobre a paixão, (*pathos*) da mente, da alma (*psique*). Trata-se, pois, de um discurso representativo a respeito do pathos psíquico; um discurso sobre o sofrimento psíquico; sobre o padecer psíquico. A psique é alada; mas a direção que ela toma lhe é dada pelo pathos, pelas paixões. (CECCARELLI, 2005a).

Tendo como proposta central a redefinição do campo psicopatológico, a *Psicopatologia Fundamental* (BERLINK, 1998), propõe refletir sobre os modelos psicopatológicos que afetam nossos objetos de pesquisa, nossas teorias e nossas práticas, ao mesmo tempo que reconhece e dialoga com outras leituras presentes na *polis* psicopatológica. Partindo da psicanálise como seu conceitual, a *Psicopatologia Fundamental* organiza-se em torno do *patei mathos* esquileano: aquilo que o sofrimento ensina.

Resgatar o pathos como o excesso pulsional que causa sofrimento, só é possível através da escuta do sujeito que traz uma voz única a respeito de seu *pathos*, de seu sofrimento. Só a escuta transforma o que causa sofrimento em experiência, em ensinamento interno. Transformar o *pathos* em experiência significa reescrever a história do sujeito trágico, considerando-a como "algo que alarga ou enriquece o pensamento" (BERLINCK, 1998, p. 54). Isto significa que, para *Psicopatologia Fundamental* que cada sujeito deve ter uma "psicopatologia própria", sempre dentro da referência psicanalítica, que lhe permita transformar em experiência as manifestações de seu *pathos*. Por este motivo, a *Psicopatologia Fundamental* entende que o

diagnóstico nada mais é que um recurso para orientar a escuta e balizar o caminho, e não um instrumento classificatório-ideológico no qual o sujeito deva ser encaixado e, menos ainda, um discurso que contribua para a cronificação do sofrimento e/ou discriminação do sujeito.

Para a Psicopatologia Fundamental (BERLINK, 1998), o sofrimento pode ser fonte de aprendizado uma vez que, através da fala palavra, o sujeito pode revisitar a sua história e ressignificá-la, pois o essencial é a reescrita da própria história. Graças ao trabalho do terapeuta frente o sujeito traumatizado e desamparado, a escuta promove a

restauração da capacidade interpretativa do psiquismo através do rearranjo da fantasia. O fato de o aparelho psíquico ser um aparelho de escrita garante a aposta que todo analista deve fazer, a cada caso e a cada vez, de que aquele que se sente desamparado e indefeso frente aos efeitos do trauma pode encontrar uma saída para o sofrimento” (CASTRO, 2009, p. 111).

No desamparo,

o homem adquire uma forma de saber - um saber de experiência feito, diria o poeta - que só no sofrimento se adquire. E isto me faz pensar em Ésquilo, o grande trágico grego. Falando sobre o sofrimento, ele resumiu em duas palavras uma máxima que figura entre as mais belas da sabedoria grega: sofrer para saber, sofrer para aprender (ROCHA, 1999, p. 341).

Os indivíduos vítimas de calamidades necessitam de amparo imediato, ou seja, abrigo, alimentação e assistência médica, tais indigências são supridas por ações do governo, de ONGs, da igreja, da defesa civil ou de outras pessoas que sensibilizadas se dispõem a fazer doações e a trabalhar como voluntários. Porém, todo esse empenho humanitário visa atenuar pelo menos naquele momento as demandas e o desespero daquelas pessoas. Contudo, a proposta da Psicanálise está justamente na possibilidade de oferecer escuta à singularidade do sofrimento psíquico, tendo como finalidade compreender suas implicações no processo de subjetivação do sujeito, levando em consideração a cultura ao qual ele faz parte (CARVALHO; SOUZA; LEVY, 2010).

Para tanto, a Psicanálise busca diferenciar o sujeito de uma posição exclusivamente coletiva e despersonalizada, isto porque, as pessoas que passam por situações de desastres são comumente classificadas de forma generalizada, tornam-se um grupo de desabrigados, uma comunidade atin-

gida, uma pilha de mortos, uma classe desprovida, uma multidão desamparada, uma lista de indigentes, pessoas que perdem seus nomes ao serem transformadas em números e estatísticas. Logo, o papel possível de ser desempenhado pela Psicanálise vislumbra dar lugar para a singularidade do sujeito e isto só é possível a partir do momento em que é dado a ele um “Valor”.

A escuta psicanalítica na urgência e emergência é a via pela qual os escombros ganham nomes, lágrimas e voz, é do meio da bagunça deixada pelas tragédias que surgem seres humanos, sobreviventes, advindos de um percurso anterior, dotados de uma dinâmica psíquica, munidos de sua própria história de vida. Portanto, é papel da Psicanálise dar voz ao sujeito, e por intermédio da escuta psicanalítica criar condições para que ele possa simbolizar suas perdas.

A angústia, o trauma e a dor da perda de alguém, do lugar, da saúde seja física ou psíquica são marcas que remetem o sujeito ao sentimento mais primitivo de desamparo.

Ao estarem imersas no doloroso contexto proveniente do desastre, as vítimas de tais situações, como as da tragédia de Brumadinho, são eminentemente confrontadas com este sentimento de desamparo que é revivido no momento em que estas se veem sem um referencial, sem um outro primordial, privadas de suas coisas pessoais, de seu endereço, das pessoas que ama, e porque não, da sua própria identidade.

O primeiro momento da tragédia, parece ser de extrema dor e angústia. Todavia, os instantes que se seguem, também podem trazer consigo sofrimento e dolorosas experiências. As grandes tragédias recebem garantida ascensão na mídia, contribuindo para que o “mundo” volte seu olhar e sua atenção para aquele acontecimento público traumático, contudo, faz-se imprescindível ressaltar que ao apagar dos holofotes o que resta são pessoas sofrentes e desamparadas.

Neste segundo momento, o sentimento de desamparo é revivido mais uma vez, as equipes já se retiraram do local, a comoção social já está mais amena, o número de voluntários foi reduzido, poucas pessoas se dispõem, a ainda fazer parte daquele dia a dia, a mídia redirecionou o foco em busca de novas notícias e, até mesmo o poder público não cumpriu todas as promessas que fez.

Em se tratando das situações de emergências e desastres o *setting* psicanalítico, ou seja, a forma de atendimento psicológico é completamente diferente do habitual consultório particular. O lugar é provavelmente lotado de percalços, como o excesso de pessoas, o barulho, além da comoção generalizada que circunda momentos como esse. Existe também, o fator

tempo, isto é, a possibilidade de estender os atendimentos é pequena, logo, a escuta, possivelmente deverá ser focal visando atender emergencialmente aquele momento de crise. Outro aspecto importante diz respeito à intensidade com que surge a demanda psíquica, isto porque, as pessoas envolvidas em catástrofes vivenciam em um curto espaço de tempo uma avalanche de sentimentos que se misturam ao real absurdo e difícil de ser encarado (CARVALHO; SOUZA; LEVY, 2010).

Portanto, podemos considerar que é da *urgência subjetiva* que estamos falando. Segundo Calazans e Bastos (2008) “Entendemos que a urgência subjetiva é um dispositivo de acolhimento aos sujeitos em crise”. Este termo é bastante utilizado pela Psicologia da Saúde, no entanto, ao tomarmos conhecimento do sentido que lhe é próprio, percebemos quão oportuno seria empregá-lo ao contexto das emergências e desastres, visto que, a natureza desse novo dispositivo traduz com precisão o estado psíquico no qual as vítimas de catástrofes se encontram. Para Calazans e Bastos (2008) é por meio da escuta diferenciada que a Psicanálise poderá acolher os sofredores, buscando escutar o sofrimento que urge e comparece por intermédio da urgência subjetiva manifestada de forma singular por cada indivíduo, ligada ao tempo do sujeito que poderá emergir.

Assim sendo, a Psicanálise ao se deparar com as questões advindas da problemática das emergências e desastres tem como finalidade possibilitar ao sujeito colocar em palavras o que é possível. Barreto afirma que (2004) “A urgência subjetiva é a possibilidade, num dado momento, de significar minimamente”. Deste modo, a Psicanálise pode desempenhar seu papel dispondo-se a amparar a urgência subjetiva dos que passam por situações de emergências e desastres, buscando compreender como cada pessoa reage frente à determinada situação. Para Calazans e Bastos (2008) “Tudo aquilo que permaneceu em estado de intenso embaraço ou esmagamento do sujeito ou, em alguns casos, o que foi transformado em puro ato com a subtração da palavra”. É a partir desse pressuposto que trabalha a Psicanálise, acreditamos que esse é o papel possível de ser colocado em prática nesse momento, é a particularidade do significado atribuído ao problema, a representatividade das perdas imputadas sobre os mesmos, portanto, é nesse contexto que se observa a necessidade do psicanalista agir.

## 5. CONCLUSÃO

Escrever este trabalho nos mobiliza não apenas pela tragédia, em parte anunciada, que ocorreu em Brumadinho (MG) em 2019, mas um ano depois, continua sendo um grande pesar a todos nós ao imaginarmos como



estão os sobreviventes e suas memórias e marcas indelévels desta que talvez seja uma das maiores catástrofes do Brasil.

Freud (1927) já nos falava das forças da natureza como implacáveis e afirma que ninguém, no entanto, alimenta a ilusão de que a natureza já foi vencida, e poucos se atrevem a ter esperanças de que um dia ela se submeta inteiramente ao homem. Há os elementos, que parecem escarnecer de qualquer controle humano; a terra, que treme, se escancara e sepulta toda a vida humana e suas obras; a água, que inunda e afoga tudo num torvelinho; as tempestades, que arrastam tudo o que se lhes antepõe; as doenças, que só recentemente identificamos como sendo ataques oriundos de outros organismos, e, finalmente o penoso enigma da morte, contra o qual remédio algum foi encontrado e provavelmente nunca será. É com essas forças que a natureza se ergue contra nós, majestosa, cruel e inexorável; uma vez mais nos traz à mente nossa fraqueza e desamparo, de que pensávamos ter fugido através do trabalho de civilização. (FREUD, 1927 p.24-25)

Mas, com toda a tecnologia anunciada pelo século XXI com o controle da felicidade pela prevenção de acontecimentos ditos ambientais, pelas medicalizações, pela mídia, pelas políticas públicas ou pela ausência delas, continuam sendo geradores do mal-estar da humanidade como já previa Freud (1930). Mas, infelizmente o que se viu foi a morte de quase 300 pessoas arrastadas pela lama de horror que traz com ela o descuido, o descaso, o horror e fundamentalmente a diferença entre os mais e os menos favorecidos. Aqueles que até hoje não tem onde morar e nem onde trabalhar. Centenas de sujeitos assujeitados à morte. Mesmo os que sobreviveram ou os que perderam alguém, morreram um pouco.

Surpreendemo-nos ao constatar que a teoria psicanalítica desenvolvida por Freud, continua presente e atualizada. Seus escritos falam da dinâmica psíquica vigente em qualquer ser humano, das restrições pulsionais a partir da cultura, da busca incessante de poder e fundamentalmente da ilusão de poder esconder-se da condição de “insocorribilidade” (CECCARELLI, 2005) inerente à humanidade por intermédio do desenvolvimento tecnológico e científico peculiar ao mundo globalizado.

As consequências psíquicas e o caminho que cada sujeito empreenderá no enfrentamento de suas angústias estão aquém da nossa compreensão, pois o que sabemos é que sintomas poderão surgir, defesas se erguerão, sublimações e deslocamentos poderão acontecer, mas, o fundamental é que entendamos que o sujeito em sua forma de subjetivação singular, poderá ter recursos internos capazes de elaborar lutos, ressignificar as faltas, transformar dor em palavras, em experiência. A psicanálise não pode garantir como cada um reagirá aos eventos traumáticos, mas poderá

contribuir para que uma pessoa em sofrimento possa ressurgir como um sujeito, que ao se escutar, possa dar sentido à vida, mesmo diante do desamparo e da finitude a que todos nós estamos submetidos.

## REFERÊNCIAS

AULAGNIER, P. (1975) **A violência da interpretação**. Imago, Rio de Janeiro, 1979.

BARRETO, F.P. **A Urgência Subjetiva na Saúde Mental**: Uma Introdução. Trabalho apresentado no XIV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, no Rio de Janeiro, na plenária sobre **O dispositivo**: invenções e intervenções, no dia 23 de abril de 2004. (*Publicado na opção lacaniana —Revista Brasileira Internacional de Psicanálise— nº 40. São Paulo: Edições Eólia, 47-51, agosto de 2004*).

BERLINCK, M. O que é Psicopatologia Fundamental. **Rev. Latinoam. Psicop. Fund.** 1(1), 1998, 46-59.

BIRMAN, J. Dádiva e o Outro: Sobre o Conceito de Desamparo no Discurso. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, 9(2), 09-30, 1999.

BOURDIEU, P., **La domination masculine**, Paris: Seuil, 2002.

BRAUSTEIN, N. A. Sobrevivendo ao trauma. **Tempo Psicanalítico**. Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, v. 35, p. 93-114, 2003.

CALAZANS R.; BASTOS A. **Urgência Subjetiva e Clínica Psicanalítica**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. vol.11 no.4 São Paulo Dec. 2008. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142008000400010&Ing=en&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142008000400010&Ing=en&nrm=iso)>.

CAMARGOS, S; PROCHNO, C; ROMERA, M. Desamparo Primordial em Nietzsche e em Freud. **Pesquisas e Práticas Psicossociais** 3(2), São João del Rei, Mar. 2009.

CARVALHO, A. S; SOUZA, E. B; LEVY, E. S; **Emergências e Desastres**: um olhar Psicanalítico sobre o Desamparo, Modernidade e Subjetividade. Trabalho de Conclusão de Curso sob orientação da Profa. Msc. Elizabeth Samuel Levy. Universidade da Amazônia. Belém-Pará, 2010.

CASTRO, S. L. C. **Focalizando o trauma sob as lentes da clínica com policiais militares**. Tese de doutorado (PUC-RJ). Rio de Janeiro: 2009.

CECCARELLI, P. R. O sofrimento mental na perspectiva da Psicopatologia Fundamental **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 471-477, set./dez. 2005a.

\_\_\_\_\_. Perversão e suas versões. **Reverso, Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais**, XXVII, 52, p.43- 50, 2005b.

\_\_\_\_\_. Novas organizações familiares: mitos e verdades. **Jornal de Psicanálise**, 40(72), 89-102. 2007.

\_\_\_\_\_. Laço social: uma ilusão frente ao desamparo, **Reverso, Revista do Círculo Psicanalítico de M. G.**, Belo Horizonte, ano, 31, v. 58, p. 33-42, set. 2009.

\_\_\_\_\_. **Transexualidades**. São Paulo: Pearson Clinical Brasil, 2017, 3ªed.

FREUD, S. (1895[1894]) **Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada neurose de angústia**. ESB, v. III. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. ESB, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

\_\_\_\_\_. (1915) **Reflexões para os tempos de guerra e morte**. ESB, v. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1918[1914]) **História de uma neurose infantil**. ESB, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1916) **Transitoriedade. Arte, literatura e os artistas**. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

\_\_\_\_\_. (1920) **Além do princípio do prazer**. ESB, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1926). **Inibições, sintomas e medo**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2016.

\_\_\_\_\_. (1930) **O mal-estar na civilização**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2015.

\_\_\_\_\_. (1950[1895]) **Projeto para uma psicologia científica**. ESB, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

HARTMANN, F. Do trauma ao sintoma. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 403-406, jun. 2019.

JAQUES, A. As neuroses de guerra e traumáticas: respostas do sujeito à barbárie. **Triivium**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 10-24, jun. 2012. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-48912012000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912012000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 27 jul. 2019.

LANOA, D; SALES, L; LEVY, E. S. **Narcisismo e Desamparo: o Orkut e as novas formas de subjetivação contemporânea**. Trabalho de Conclusão de Curso sob orientação da Profa. Msc. Elizabeth Samuel Levy. Universidade da Amazônia. Belém-Pará, 2011.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes Ed., 7, 1983.

LEVY, E. S. **Desamparo, Transferência e Hospitalização em Centro de Terapia Intensiva**. 2008.108f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia-Universidade Federal do Pará. Belém do Pará, 2008.

LEVY, E.; CECCARELLI, P. R. A patologização da normalidade: rumo a uma nova ordem repressiva. In: **Transversalizando no ensino, a pesquisa e na extensão**. Lemos, F; Silva, A; Santos C; Silva D. (orgs.) Curitiba: Editora CRV: 2012 – Brasil

LEVY, E.; CECCARELLI, P. R.; MELO DIAS, H. Violência e terror nas redes sociais: considerações sobre cultura, desamparo e narcisismo. In. **Estudos de Psicanálise**, n. 48, dez. 2017, p. 43-52.

McDOUGALL, J. **As múltiplas faces de Eros**. Rio de Janeiro, Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, B. M.; LEVY, E. S. **Luto no Virtual: Um olhar psicanalítico a cerca das manifestações de luto no Facebook**: Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação da MSc Elizabeth Samuel Levy - Universidade da Amazônia - UNAMA. Belém-Pará, 2016.

ROCHA, S. Desamparo e metapsicologia: para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana. **Síntese - Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 26, n. 86, 1999, 331-346.